

Collor muda campanha depois do choque do Ibope

Continuação da primeira página

O *staff* da campanha de Collor sentiu o tamanho do rombo quando foram divulgados os resultados do IBOPE, na noite de quinta-feira. Naquela mesma hora, o candidato determinou que sete de seus principais assessores parassem tudo o que estavam fazendo para rediscutirem a campanha. Às oito horas da manhã de ontem, depois de poucas horas de sono, Cláudio Humberto Rosa e Silva, o mais próximo dos assessores do Collor, estava no setor de mansões do Lago Norte, em Brasília na casa do candidato, para prestar contas de uma reunião que havia atravessado a madrugada. Os assessores haviam concluído que era urgente suspender a maratona de comícios para a gravação de programas para o horário eleitoral gratuito, cancelando os compromissos programados para sábado, domingo e segunda, em Brasília, Rio e São Paulo.

Também se chegou à conclusão de que o programa de televisão, antes sob a exclusiva responsabilidade da jornalista Beliza Ribeiro, dali para a frente deveriam ter a supervisão política de Cláudio Humberto e dos deputados Renan Calheiros e Cleto Falcão. Os programas de televisão seriam centrados no programa de governo, mostrado pelo próprio Collor. “Devemos mostrar que a proposta de Lula é o atraso, uma linha política que está superada em todo mundo”, explicou Cláudio Humberto. Collor concordou com tudo. Às 10 horas seguiu para Santa Catarina para cumprir o programa da sexta-feira, e autorizou o cancelamento dos comícios do fim de semana.

Longa noite - A reunião dos assessores começara à meia noite e foi até às cinco horas da manhã de ontem. Estavam presentes, além de Cláudio Humberto, Leopoldo Collor, irmão do candidato e responsável pela campanha em São Paulo, o embaixador Marcos Coimbra, que cuida da agenda do candidato, os coordenadores políticos da campanha, deputados Renan Calheiros e Cleto Falcão, a produtora dos programas de televisão Beliza Ribeiro e o jornalista Sebastião Nery. O próprio Collor não participou porque estava em campanha no Rio.

Beliza Ribeiro era apontada por vários dos assessores como a principal responsável pela má qualidade dos programas do horário eleitoral. Mas Beliza não precisou de muita argumentação para mostrar que o culpado era o próprio Collor. Ele não gravava programas desde a última segunda-feira, o que obrigava Beliza a se utilizar de gravações envelhecidas, cenas de antigos comícios e, na ausência do candidato, de depoimentos de técnicos sobre o programa de governo. Além disso, como a assessoria política, envolvida com a realização dos comícios, já não participava da produção, sobrava a Beliza a responsabilidade para decidir também sobre a linha política dos programas — quando suas funções deveriam se limitar aos aspectos técnicos e formais.

Mesmo as cenas do debate, largamente utilizadas por Lula, não tiveram o mesmo rendimento para Collor, uma vez que sua atuação foi tímida, com menor efeito televisivo. A argumentação de Beliza Ribeiro ajudou aos assessores a decidirem que deveriam imediatamente suspender a maratona de comícios, para dar mais tempo à gravação dos programas. A certa altura da reunião, o deputado Cleto Falcão reclamou que a suspensão dos comícios atrapalharia seu trabalho no Rio, onde coordena a campanha. Leopoldo Collor replicou: “Vamos deixar de fazer campanha no Rio. Não adianta nada mesmo”. Mas não obteve a unanimidade dos presentes, que preferiram apenas reduzir drasticamente o número de comícios, optando pela qualidade em lugar da quantidade.

O jornalista Sebastião Nery acha que se Collor obter 30% dos votos no Rio pode-se considerar vitorioso. Problema maior é o do Rio Grande do Sul. Collor e seus assessores estão surpreendidos com a maciça transferência de votos do PDT para o PT, ali. Nery, em avaliação feita na tarde de ontem, justificava: “Não adianta o Brizola fazer corpo mole. Os brizolistas acham que Lula salvará o seu líder e assumiram a campanha PT”. Nery é considerado no PRN o especialista em Brizola porque foi seu amigo e acabou eleito deputado federal pelo PDT em 1982.

Ao longo do dia de ontem pesquisadores do comitê de Collor vasculharam antigas entrevistas e biografias de Lula para mostrá-lo como candidato incendiário. “Nosso problema”, explica Cláudio Humberto, “não é levar a campanha para o campo do anticomunismo, mas bater em Lula mostrando que não é o político moderado que tenta se mostrar agora”. Os pesquisadores buscavam ainda, em arquivos de emissoras de televisão de todo país, cenas de invasão de terras promovidas pelo PT, e de ocupação de terrenos em cidades. Em contraposição a isso Collor aparecerá falando de seu programa de governo, com aparência tranqüila e segura como um estadista. (E.D., com a colaboração de Itamar Garcez e Gisele Artur)